



A TRANSCANADIANA

DIÁRIO DE BORDO 4

Passamos bem a última noite de viagem pela Transcanadiana. O jantar que a antecedeu foi bom e pudemos comer mais tarde, porque neste último trecho, há mais passageiros e o serviço no restaurante foi organizado em três turmas, ao invés das duas como tivemos nos dias anteriores. Optamos pelo último serviço que começou às 20h30. Acho que também gostamos do jantar porque era o último, pois estamos, cada vez mais, com vontade de descer do trem e viver outras experiências.

Enquanto dormíamos, o trem passou por três estações: Gogama (550 habitantes), Capreol (3.817 habitantes) e Sudbury (157.857 habitantes). A primeira foi criada para dar apoio à ferrovia, visto que as locomotivas não podem ficar mais do que 250 km sem parar numa estação e este trecho é muito pouco urbanizado. A segunda domina uma área de população indígena nativa e a terceira tem uma população maior, em função da sua importância como principal centro de extração e beneficiamento de níquel no Canadá. Não vimos nada disso, apenas registro o que está no folheto da companhia ferroviária. No mapa que se segue, este é o percurso mais a leste, abaixo de onde está escrito o nome da região Ontário.



Quando amanheceu, já estamos perto da estação seguinte: Perry Sound, que está às margens de um dos cinco “Grandes Lagos” – o Huron – mais precisamente às margens de uma de suas baías – a Georgian. A cidade tem quase seis mil habitantes e podemos ver pela janela que há algumas casas nos arrabaldes da cidade que aproveitam da paisagem oferecida pelo lago. Em todas elas, há trailers ou motorhomes estacionados (é impressionante o número deles no Canadá por todo canto), bem como barcos a motor atracados.

Passamos por um lago de grande tamanho – Couchiching – e, nos alto falantes do trem, eles anunciam que é o preferido dos grandes políticos e pop stars. As casas

em sua volta são grandes e bonitas, mas não conseguimos fazer um registro fotográfico à altura delas, porque a vegetação que ladeia a ferrovia impede.



Somos informados que a Região Ontário tem 5.000 lagos e que isso corresponde a 25% das águas não salgadas do mundo! Será?

Chegamos a Washago, a penúltima estação do percurso. É uma cidade de 600 habitantes, que apoia hoje a prática da pesca. Mal nos aproximamos do pequeno vilarejo e ele já acaba.



O último café da manhã no trem foi animado. Sente-se que a viagem é ótima, mas todos querem, a esta altura do campeonato, **CHEGAR!** Sentam-se, conosco à mesa, duas senhoras que devem ter entre 65 e 75 anos. Uma delas, especialmente, é animada e me chama atenção que, para falar, toca no braço do Eliseu ou da garçonete. Daqui a pouco explicam que são da Austrália e se vê que o jeito descontraído tem endereço de origem.

Estão aposentadas. Uma delas trabalhou num escritório e mora em Sidney – cidade que ela qualifica como “adorável” – e a outra mora mais ao norte, no campo e se identificou como “fazendeira”. Elas conhecem o Brasil. Fizeram referência à Foz do Iguaçu e ao Rio de Janeiro, onde visitaram uma favela, o que agora virou moda como programação das agências de viagem. Estão realizando uma viagem de três meses pelo Canadá e Alaska. Eliseu se delicia com os detalhes: trechos de avião, trechos de ônibus e outros de trem. Explicamos que temos vontade de visitar a Austrália e elas dão informações sobre as melhores formas de deslocamento e explicam que Sidney é uma cidade que se pode conhecer totalmente por transporte coletivo, porque há um bilhete diário de 2,5 dólares, com o qual se entrar e sair de todos os modais de circulação urbana existentes na cidade. A supostamente mais velha – a fazendeira – pergunta se temos filhos e netos, e aproveita para explicar que tem três filhos e vários netos, todos morando

a 500 km de distância dela. As duas usam na mão esquerda uma aliança de ouro acompanhada de um solitário de brilhante, sendo idênticos os dois pares de anéis. É provável que, também, sejam um casal homoafetivo. Elas são simpáticas e, ao se despedirem, falam: “Tchau e até Sidney. Quem sabe?” Pergunta uma delas, de modo enfático.

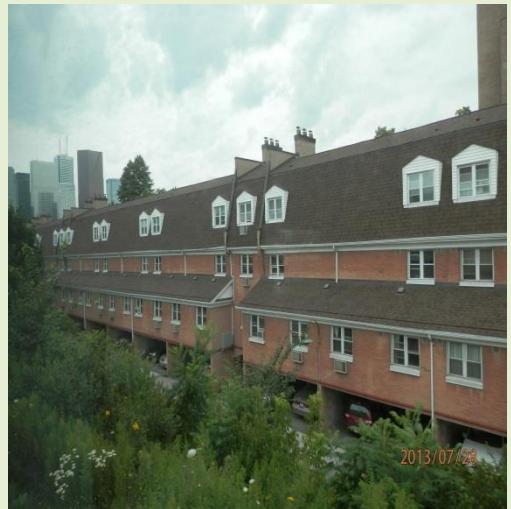
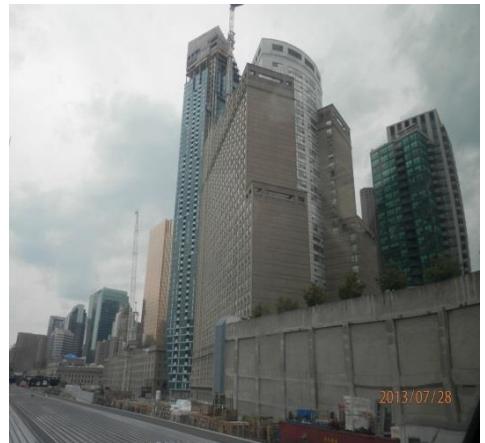
Pelo que tenho acompanhado, numa ou noutra reportagem de revista, está aumentando, no mundo, o número de mulheres viúvas ou descasadas que, na terceira idade, resolvem viver esta experiência, o que é explicável até mesmo do ponto de vista estatístico – as mulheres vivem mais anos e os homens idosos têm mais facilidades econômicas e culturais de viverem experiências amorosas com mulheres mais jovens. Assim, não é difícil supor que o contingente de mulheres idosas desacompanhadas é grande, o que favorece a vivência de novas modalidades de parceria. Como ninguém gosta da solidão e os controles sociais são menores hoje do que antes, ampliam-se as possibilidades de se viver novas vidas.

Voltamos para o vagão envidraçado para aproveitar as últimas paisagens. Já estamos num sexto domínio paisagístico, em que as coníferas são entremeadas por pequenas unidades rurais, uma ou outra indústria e depósitos indicando que a grande cidade se aproxima.

São 10h15. O trem deveria ter concluído sua viagem às 9h30, mas anunciam que a chegada em Toronto será às 12h00. Como se vê, apesar da colonização inglesa, eles não são nada britânicos no cumprimento do horário.

Amplia-se o número de informações que eles vão passando, como uma ladainha sem fim, à qual já não consigo mais prestar atenção, porque me interessa muito mais ver a cidade que está chegando. Fazem mil recomendações sobre tantas coisas que nenhuma delas acaba parecendo relevante. Eles avisam que, na Estação Ferroviária de Toronto, é proibido fumar. Em Vancouver, as pessoas fumavam por todo lado, pelo menos eu vi gente fumando no corredor do Institute Liu, na universidade, e no bar do restaurante do nosso hotel. Fico me perguntando se as diferenças entre a Costa Pacífica e o Canadá do Leste são muito grandes.

A entrada em Toronto leva cerca de uma hora. Começam a aparecer os grandes edifícios residenciais que nos arrabaldes da cidade estão rodeadas de coníferas. Pelo estilo arquitetônico das edificações, esta área da entrada da cidade, pela periferia norte, deve ter sido implantada nos anos de 1970-1980. Há, também, conjunto de residências, que também parecem do mesmo período, mas têm alguma inspiração nas casas inglesas do final do século XIX e começo do século XX. À medida que nos aproximamos do coração da metrópole, amplia-se o número de construções e prédios modernos.



A chegada é a melhor parte da viagem. Descemos do trem realizados com a experiência mas, de verdade, super contentes com a autonomia que os próximos dias poderão propiciar.



Chegar ao final do percurso possibilita-me concluir este diário de bordo, com a mesma frase usada pela Via Rail Canadá em seu folheto de boas vindas:

THIS IS A TRAVEL EXPERIENCE UNLIKELY ANY OTHER!

CARMINHA BELTRÃO

JULHO DE 2013